

1. INTRODUÇÃO

Vítor Oliveira

Este é um livro sobre o estudo da forma urbana em Portugal. O documento reúne um conjunto de contributos de alguns dos maiores especialistas portugueses nas diferentes dimensões que compõem o campo de conhecimento da morfologia urbana. Nesse sentido cada um dos capítulos assume, dentro de uma matriz de base comum, a forma e estrutura que melhor se adequa, segundo cada um dos autores dos diferentes capítulos, à apresentação dos conteúdos em questão. Uma parte dos capítulos coloca um maior enfoque no “estudo da forma urbana” enquanto uma outra parte se centra na própria “forma urbana” - dicotomia já antes encontrada em textos desta natureza (Oliveira, 2013).

Definições consensuais de “morfologia urbana” ou de “forma urbana” entre as diferentes abordagens morfológicas existentes são difíceis de encontrar na literatura. Assim sendo, este livro parte da definição básica que “morfologia urbana” significa o estudo das formas urbanas - bem como dos atores e dos processos responsáveis pela sua transformação - e que “forma urbana” se refere aos principais elementos físicos que estruturam e moldam a cidade - os tecidos urbanos, as ruas, as parcelas urbanas (ou lotes), os edifícios, entre outros.

Na primeira parte deste livro, o leitor encontrará uma análise geral do campo de conhecimento da morfologia urbana que coloca em evidência as três perspetivas disciplinares mais relevantes no contexto português: histórica, geográfica e arquitetónica. A segunda parte centra-se num conjunto de abordagens morfológicas quantitativas específicas, incluindo a análise sintática, os autómatos celulares e a modelação baseada nos agentes. Por fim, a terceira parte do livro explora as relações entre análise morfológica e intervenção na cidade contemporânea.

Dada a rapidez de transformação do conhecimento científico e, no caso específico, o incremento do debate morfológico após a criação da Rede Lusófona de Morfologia Urbana¹ (PNUM), importa referir que os diferentes capítulos que

1 A rede foi criada em 2010 por um conjunto de académicos portugueses, com o nome “Rede Portuguesa de Morfologia Urbana”. A enorme adesão de colegas brasileiros, principalmente a partir da 2ª conferência anual em 2012 levou ao alargamento da rede e ao estabelecimento, em 2014, de uma nova designação: “Rede Lusófona de Morfologia Urbana”.

compõem este livro, à exceção da “Introdução” e das “Conclusões” (e de acertos pontuais), foram escritos entre 2011 e 2012.

Após esta breve introdução, os três capítulos seguintes – que constituem a primeira parte do livro – centram-se nas perspetivas disciplinares mais relevantes no âmbito da morfologia urbana. O Capítulo 2, de Manuel Teixeira (Universidade de Lisboa, UL), centra-se na dimensão histórica da morfologia urbana, abordando as diferentes formas e os diferentes tempos da cidade portuguesa. O capítulo é representativo da linha de investigação que Manuel Teixeira tem vindo a desenvolver, primeiro no Instituto Univesitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e depois na Faculdade de Arquitectura da UL, e que teve como alguns dos elementos mais significativos a construção do *Arquivo Histórico de Cartografia Urbana*, a edição da revista *Urbanismo de Origem Portuguesa* ou a publicação dos livros *O urbanismo português, séculos XIII–XVIII Portugal-Brasil* (Teixeira & Valla, 1999) e *A forma da cidade de origem portuguesa* (Teixeira, 2012). Neste capítulo sustenta-se que a cidade portuguesa, nas suas múltiplas expressões ao longo do tempo, em Portugal e na sua disseminação pelo mundo, apresenta um conjunto de características morfológicas específicas que a diferencia de outras culturas urbanas. São essas características, com um elevado grau de permanência, em diferentes contextos históricos e geográficos, que asseguram a identidade das cidades portuguesas e que determinam que estas apresentem uma familiaridade que é perceptível em cada visita ou em cada percurso.

O Capítulo 3, de Mário Fernandes (Universidade do Porto, UP), centra-se na dimensão geográfica da morfologia urbana. Ao contrário de Teixeira, Fernandes desenvolve uma identificação exaustiva dos contributos fundamentais dados, neste caso pelos geógrafos, para o estudo da forma urbana em Portugal. Naturalmente, este recenseamento que tem como ponto de partida os anos 20, e um conjunto de estudos desenvolvidos em Coimbra, inclui o contributo fundamental de Mário Fernandes para a Morfologia Urbana em Portugal, enquadrado por um conjunto de investigações desenvolvidas na Faculdade de Letras da UP, estruturadas a partir do trabalho de Pereira de Oliveira, e do qual se destaca *Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal* (Fernandes, 2005). Neste capítulo sustenta-se o “conhecimento morfogenético” como definidor de sentidos de conceptualização para a intervenção sobre o espaço urbano.

Ao longo dos últimos anos o debate nacional e internacional sobre forma urbana tem tido uma significativa participação dos investigadores na área da

arquitetura do ISCTE-IUL (num primeiro momento organizados em torno do trabalho de Manuel Teixeira), em particular da primeira autora deste capítulo, Teresa Marat-Mendes, atualmente presidente do PNUM e membro do Conselho Científico do *International Seminar on Urban Form* (ISUF). O Capítulo 4, que esta autora assina com Maria Amélia Cabrita, encerra a primeira parte deste livro, centrando-se na dimensão arquitetónica da morfologia urbana (cruzando-a com uma leitura geográfica) com enfoque particular na tipo-morfologia. Este capítulo estrutura-se em três partes: i) uma definição dos principais conceitos em análise e uma contextualização do interesse do estudo da tipo-morfologia no âmbito do estudo do *habitat*; ii) uma avaliação dos contributos da prática de realização de inquéritos ao *habitat* rural na estruturação de métodos de análise tipo-morfológica, com raízes na “geografia dos assentamentos”; e, por fim, iii) uma análise do Inquérito à Arquitectura Regional conduzido pelo Sindicato dos Arquitectos Portugueses, nos anos 50, e que se revelou, no âmbito da arquitetura em Portugal, uma primeira tentativa de sistematização tipo-morfológica da arquitetura popular no nosso país.

A segunda parte deste livro, com três capítulos, é dedicada às abordagens metodológicas quantitativas. O Capítulo 5, de José Reis (*University of Cambridge*) e Elisabete Silva (*University of Cambridge*), com um carácter mais genérico do que os dois seguintes, centra-se na utilização de métricas espaciais. O capítulo, que emerge da tese de doutoramento de José Reis, inclui-se numa linha de investigação que Elisabete Silva (orientadora da tese) tem vindo a desenvolver no *Department of Land Economy* da *University of Cambridge*, convergindo com o capítulo seguinte em dois temas específicos, os autómatos celulares e a modelação baseada nos agentes. Este texto inclui um vasto e diversificado conjunto de métricas espaciais desenvolvidas e usadas em várias áreas disciplinares e focadas em diferentes características do espaço urbano. O capítulo sustenta que os estudos dedicados especificamente ao uso de métricas são raros e normalmente restritos a uma área do conhecimento específica, contrastando com a natureza multidisciplinar da morfologia urbana. Os autores identificam e descrevem as métricas mais importantes, discutindo a sua utilidade e as suas potencialidades, bem como as suas maiores lacunas, concluindo que embora haja alguns investigadores portugueses a usar métricas espaciais, este é um tema ainda pouco desenvolvido na literatura portuguesa.

Do mesmo modo que o anterior, o Capítulo 6 tem origem numa linha de investigação desenvolvida, numa tese de doutoramento, por Nuno Norte Pin-

to (*The University of Manchester*), sob a orientação de António Pais Antunes (Universidade de Coimbra, UC) e Josep Roca Cladera (*Universitat Politècnica de Catalunya*). Esta linha de investigação centra-se nos modelos de autómatos celulares enquanto ferramentas de modelação de fenómenos urbanos. Este capítulo fornece uma introdução geral ao conceito de modelo de autómato celular, apresentando em seguida a formulação teórica deste tipo de modelo e descrevendo os principais aspetos do seu desenvolvimento e aplicação aos fenómenos urbanos. É dada particular atenção ao modo como os conceitos matemáticos subjacentes à formulação dos modelos de autómatos celulares podem ser interpretados e relacionados com entidades urbanas de modo a permitir a modelação dos fenómenos em que estas intervêm. O capítulo inclui ainda uma aplicação à cidade de Condeixa-a-Nova que ilustra as potencialidades do uso de modelos de autómatos celulares no estudo e na simulação da evolução das estruturas urbanas e da sua forma, explicitando a sua utilidade na área da morfologia urbana.

Ao longo das últimas décadas, a sintaxe espacial tem vindo a afirmar-se a nível internacional como uma das mais importantes abordagens morfológicas. Para além do contributo seminal de Mário Kruger, no final dos anos 70, para o desenvolvimento da sintaxe espacial, a mais consistente linha de investigação nesta temática em Portugal tem vindo a ser desenvolvida por Teresa Heitor, no Instituto Superior Técnico (IST) da UL. O último capítulo da segunda parte deste livro, de Teresa Heitor e João Pinelo Silva (UL) centra-se nesta abordagem, começando com uma introdução conceptual à análise sintática, estabelecendo de seguida as bases para uma discussão a partir da evolução da análise morfológica, de modo a identificar as razões e os contributos para o seu desenvolvimento. O fio condutor desta discussão assenta na necessidade de encontrar uma solução conciliadora entre o rigor da forma urbana e as exigências de natureza social que lhe são colocadas. O capítulo inclui ainda uma aplicação desta abordagem à cidade de Lisboa.

A terceira parte deste livro explora as relações entre análise morfológica e intervenção na cidade contemporânea. O Capítulo 8, de Vítor Oliveira (UP) e Paulo Pinho (UP), centra-se na relação deste campo do conhecimento com a prática de planeamento territorial. O capítulo é representativo de uma linha de investigação desenvolvida no Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente (CITTA), coordenado por Paulo Pinho. Destaca-se nesta linha a participação de Vítor Oliveira na *ISUF Task Force on Research and Practice*

in Urban Morphology e a publicação dos artigos “The morphological dimension of municipal plans” (Oliveira, 2006) e “Urban morphological research and planning practice: a Portuguese assessment” (Oliveira *et al.*, 2014). O capítulo, que procura uma abrangência semelhante à do capítulo da autoria de Mário Fernandes, estrutura-se em três dimensões fundamentais desta relação, cada uma deles correspondendo a uma secção específica: i) a investigação científica realizada em Portugal, abordada a partir dos principais centros de investigação existentes no nosso país; ii) o ensino universitário, entendido através dos planos de estudos dos diferentes cursos; e, por fim, iii) a prática profissional nos departamentos de planeamento urbano das autarquias locais, abordada a partir do principal instrumento de planeamento das cidades portuguesas, o Plano Diretor Municipal (PDM).

O Capítulo 9, de Walter Rossa (Universidade de Coimbra), parte da lição preparada pelo autor para as suas Provas de Agregação em Arquitetura pela Universidade de Coimbra, centrando-se na relação entre morfologia urbana e reabilitação urbana. Rossa sustenta a necessidade e a viabilidade do “desenho da história” nas ações “re-urbanísticas”. O capítulo procura estabelecer como é que para a preservação do património urbanístico é necessário identificar aquilo que é evolutivo e invariante, aquilo que é forma e estrutura. Em temas de estrutura, o capítulo parte de um conjunto de conceitos e posicionamentos éticos e metodológicos, avançando em seguida para uma série de aspetos operacionais e, por fim, para a descrição de alguns casos de análise em “hiperdesenho”.

O livro encerra com a apresentação de um conjunto de conclusões em torno das três partes que o constituem - as abordagens disciplinares fundamentais, as diferentes abordagens metodológicas quantitativas e, ainda, a relação entre teoria e investigação morfológica e prática de intervenção sobre a cidade. Apresentam-se também linhas de investigação futura a desenvolver sob o enquadramento da Rede Lusófona de Morfologia Urbana.